

O 12 de Outubro

O 12 de Outubro lembra dois nomes: Colombo (o symbolo da gloria) e Fernando (o symbolo da ingratição) !..

Mas não admira que, em troca de um novo mundo, recebesse Colombo ferros e injurias, quando a Historia nos diz que Socrates teve por premio a cicuta, e Joanna d'Arc, a fogueira !..

Antes da descoberta da America, era tido Colombo por um visionario; quando, porém, viram a realidade, não só julgavam evidente a existencia de uma nova região, mas ainda affirmavam que o descobrimento desta era facillimo !..

Sempre a nullidade a desprestigiar o merito !..

Sempre a inveja a deprimir a gloria !..

W. B.

Congregação de N. S. do Bom Conselho

Está-se desenvolvendo sempre mais esta esperançosa congregação. Nascida de um grãosinho despercebido chegou a ganhar terreno e impôr-se ao respeito e a estima de todos. Foram 7 membros briosos do antigo «Centro Santa Catharina» que lançaram no dia 7 de Setembro de 1912 a primeira semente da Congregação de N. S. do Bom Conselho. Durante mezes o no-

vel do antigo tronco
luchou entre a villa e a morte até que no dia 3 de março de 1913 os primeiros membros fizeram esta consagração solenne a Maria S. e escolheram a primeira directoria debaixo da

presidencia do inolvidavel Jayme Camara. Desde aquelle dia a vida da nova Congregação era garantida. O «Vigario», achou um successor activo no sr. Indio Costa que até hoje tem sido incançavel nos seus esforços pela Congregação. Hoje contam-se na Congregação de N. S. do Bom Conselho 45 congregados e um bom numero de candidatos. No dia 3 deste mez de Outubro houve admissão de 11 novos congregados que receberam a fita azul e o diploma das mãos do Exmo. Sr. Bispo D. Joaquim Domingues de Oliveira. Os felizes aos quaes o «Collegial» apresenta os seus parabens, são os Sres: Arthur Pedro Carreirão, Augusto Nunes Pires, Emilio Schnaider, Estanslau Kowalski, Eugenio Luiz Beirão, João Abreu, José Charneski, José Dobesz, José Ephrem Klimczak, Oswaldo dos Reis e Waldemar Carreirão.

J.

Amarga Ironia

Eis-me junto de um tumulto fechado
Onde reclino a fronte quasi fria.
—Quero escutar, disse eu, litanias
De um coração que aqui jaz enterrado.

N'isso de dentro parte um som magoado,
De uma profunda e vaga nostalgia...
—Quem és? E o som respondeu-me:—«Maria,
A tua filha, o teu Amôr sonhado !..»

Um frio então, sinistramente horrendo,
Passa-me os ossos e me vaeroendo
As veias que afinal se espedaçavam !

Mas fiquei por saber que o som tristonho
Era o d'essa Ovelhinha n'algum sonho,
Ou era o dos Vermes que de mim zombavam!..

ARAUJO Figueredo

'TRAÇANDO...'

PAULO BARBOZA o nobre escritor «politico», não quiz deixar despercebida a critica que ha dias lhe fizemos, assim é que, o homem revestido de couraça e com lança enfiada, penetrou na arena polemista.

Cansado de estar «Riscando» o novel jornalista transformou o «riscado», londrino em «riscado» polemico...

E' pandega a leitura d'aquelle «riscadinho», (de pataca) todo entrecortado de textos e phrases de Guyan, Ródo e Carvalho !..

O «innocente» Paulinho atirou uma lançada ao occaso, sem saber a quem havia dirigir-se.

Veu-lhe á cabeça de atacar á pessoa do nosso presado collega J. Melchiades e foi a elle que se dirigiu pelas columnas do grammatico «Ipiranga».

Enganou-se o nobre litterato em pretender desvanecer o racha sua porfiosa labuta, e tambem enganou-se

em atacal-o, pois melhor seria que se dirigisse á «Redacção do Collegial» e não ao nosso incansavel e activo collega.

Procurou o «brilhante» escriptor desprestigial-o com certa ironia «urucubacada» mas, é em vão; pois o nosso destimido amigo assim recobrará mais animo, e conseguirá obter todo o apoio e sympathia que de nós sempre gozou.

São pretensões vãs e dignas de serem embrulhadas nos trapos do mesmo «riscado» e atiradas á cesta da queimada.

O «interessante» jornalista fallou tanto em ambiguidade e até parece que a sua cabeça já estava ambigua quando começou a *cozer o seu riscado*.

E o que é a ambiguidade?

Não é tambem um vicio de linguagem como o galicismo e outros que o piranga tem empregado?...

Sobre o conto de Balzac que começamos a publicar no 2º numero do «Collegial», podemos responder ao «valiente» auctor do «Riscadinho» que ignoravamos não ser Balzac um bom auctor e o conto que começamos a publicar nada de immoral contem como V. S. poderá verificar procurando e lendo-o (Biblioteca Internacional de Obras Celebres).

Suspendemos a sua publicação (apesar do ser moral) porque o auctor é prohibido pela Igreja.

Isto não é razão sufficiente para o nosso jornalista dizer «que os redactores do Collegial não são lidos», pois é natural que conheçamos talvez muitos bons auctores de poemas, litteratos e outros.

Provavelmente o litterato Paulo Barboza também conhece muitos auctores e desconhecerá outros.

Porventura tambem poderemos nós dizer que o brilhante jornalista não é lido?

Não, pois é justo que conheça alguns auctores e tambem não é cousa rara que elle desconheça outros.

O redactor do «Ipiranga», escreveu que em plena aurora do seculo XX—no dizer de E. Carvalho a critica deve ser menos amarga e perversa.

Concordamos com o porta-voz de E. Carvalho, mas achamos tambem que em pleno seculo XX—o seculo do progresso—não se póde e não se deve chamar qual quer um de pouco lido sómente por desconhecer, esta ou aquella obra dum determinado auctor.

Até ahi o nosso fulguroso escriptor errou... errou e antes não chegasse a dizer semelhante cousa.

Terminando pois o «Traçando» sobre o «Riscado», o «Collegial» responde certas notas dissonantes d'aquella fanfarra «urucubacada».

O Celso Coelho sobre o «Riscado» atira uma «dernière», pá de cal. O Sebastião Portella no alto da torre do campanario toca o dobre de finados. O João Melchiades recita uma elegia e os reporters do «Collegial», collocando sobre o defuncto «Riscado», sua corôa de folhas de cafeeiro murmuram em côro.

«*Riquescat in pasce*»!...

LABUTANDO...

N'uma tarde passeava pela chacara quando deparei com uma enorme fileira de formigas, que formava um exercito completo. Existiam formigas pardas e outras mais escuras. E'ra um divertimento apreciar os bichinhos, que iam n'um continuo vai e vem. Umaz que vinham da direita traziam algumas pequenas particulas de madeira, ou qualquer outra

cousa que lhes seja util, e as outras da esquerda lhes iam ao encontro, em procura tambem d'alguma cousa para si. Assim continuavam e eu me retirei d'alli depois de algum tempo que levára em observal-as, porém fui convicto de que ellas nos dão um exemplo de trabalho. Deixem estar, que tambem carregar farellos não é tão agradavel como se pensa!

Emfim tambem estes bichinhos labutam pela vida!...

SANTIRON

Carnet Social

Fizeram annos:

No dia 2, o sr. Eugenio Beirão;
No dia 5, o joven Placido Oliveira;

No dia 9, o sr. Odilon Fernandes, funcionario do Banco do Commercio;

No dia 7, o joven Bruno Spoganitz, nosso assignante.

No dia 8 o joven Mario Garcia, estudante;

No dia 10 o sr. José Forezano;

No dia 12, o nosso assignante, sr. Mauro Ramos.

Aos anniversariantes, as saudações do «Collegial».

O SINO DO COLLEGIO

Uma das mais agradaveis entre as recordações dos tempos passados nos collegios deve ser a do sino. Não; ninguem lá ao deante te afastará de si, grata saudade do sino, quando vieres qual criança buliçosa puxar as cans do fronticurvo avô, ainda que o faças perder o fio de serios pensamentos como quando cuidadoso medite no futuro dos filhos e dos netos.

A tanger, sempre a tanger, ó fidelissimo sino! te comprehendesse e te tendessem tua lingua lace é zelante...

temos-te talvez em

nhis vagamente... a

calto... penduras...

pois ás chuvas... ac

to... quieto... r

O Collegial

tiritante... dormindo ao relento, quando de repente te acordas e, como invejoso do quente repouso da rapaziada, á fazes saltar da cama, quer chova, quer faça frio, mexendo-te e fazendo ouvir tuas badaladas, tem, tem, tem. Sim, tem... tem o joven desperto deante de si mais uma jornada, quem sabe se difficil se ardua...

E, ó sino previdente, tu comprehendendo que para bem cumprimos a tarefa de cada dia precisamos de força, de soccorros, de muitos espirituaes soccorros, nos chamas logo para a capella onde ha missa, farta em graças, e onde se póde já de madrugada adorar Jesus que o sacerdote eleva.

Chamas os alumnos ao estudo, e alguns de sobre olhos carregados resmoneiam improperios e injurias contra ti, pacato sino, pelo crime de chamal-os ao cumprimento do dever.

Esses mesmos te encaram sorridentes e não sei se arrependidos, quando os chamas novamente aos jogos.

Triste inconstancia! Eil-os de novo zangados contigo porque os avisas que as aulas vão começar e elles talvez não tenham preparado os themas e as licções.

E assim vaé succedendo dia apóz dia.

E' dia de festa. O sino repica cheio de si, repica doidamente, a chamar os fieis ao serviço do Senhor. Como está contente! Com que prazer lembra aos christãos o seu dever.

Se não fosse dia de festa, se fosse dia de luto?

—Então, compadecido, o sino dobiaria apregoando as lagrimas de rosco que sobre ella cahiram durante a noite, hamedeceria o solo.

E passa assim o anno.

O sino, fallaste o anno inteiro; porque não apren-

deram a tua linguagem? Cá entre nós, vou contar-te um segredo. Não viste durante o anno alguns punhos cerrados erguerem-se, ameaçando-te? Pois esses pulsos talvez tenham de obedecer á vontade de seus senhores que juraram arrancar-te desse canto.

E' quasi, quasi conclusão. O sino deve dar o signal. Contemplam anciosos o amaldiçoado sino, dizendo-o vagaroso por não querer desprezar sua costumaz pontualidade. Chega enfim a hora. O sino deixas partir da tua sempre escancarada bocca.

—Um brado de animação.

E nessa occasião te comprehendem ainda menos, ó sino martyr do dever.

Os que «passaram» ouvem-te soar alegre, bem contente como a felicital-os pelos bons exames e proxima volta á casa. Os que «rodaram», julgam que escancararas ainda mais a bocca para lhes rir escarninhamente. Aquelles que não tiveram coragem de fazer exames entreouvem no teu soar um sarcasmo da sua cobardia.

E todos embarcam, todos vão embora; uns levando o coração a transbordar alegrias e esperanças, outros com o coração oppresso e a machinarem a desculpa que darão em casa e como hão de atalhar a justa coleara do pae.

Ferías.

O gymnasio remoça, pintam aulas, estudos, theatro, tudo emfim, excepto o sino que pende no seu canto, silencioso como em Semana Santa.

Silva nas frestas das portas o vento. Os relampagos zigagueiam pelos ares. Os trovões succederem-se semelham ininterrupta trovoadas. As rajadas do rijo vento que curva as arvores, sacodem o badalo do sino tirando-o do seu torpor. Soas ó sino; que dizes?

Geme, geme angustiado, e seu gemer revela o cuidado que o crucia. Ha nas ferias, no mundo, nesse pelago perennemente imitado esbraveja um temporal que ameaça, que ameaça terrivel sobrar os barcos dos incautos alumnos de hontem, daquelles que o sino com suas badaladas incitava ao cumprimento do dever. E nas ferias muitos não lembram delle e mesmo que se lembrassem não poderiam ouvir a sua voz.

Mas consola-te, sino, tens um substituto em cada cidade, no campanario da matriz.

Elle tambem ri, tambem chora e tambem é odiado. Elle ri quando em dia de festa chama os fieis para a igreja. E chora quando apósz trez chamadas ainda vê vazio o templo do Senhor.

Niemand



PAUL...



BEMT...

“O Ipiranga, fallou muito sobre a viagem do Marechal á Europa. Provavelmente este trará alguma lembrança para os interessantes “bôês, do «Ipiranga».

Para os meninos politicos,
O nesso reporter acha,
Quo o Marechal trará
Muitos bicos de borracha l.
(Reporter).

NOTICIAS

Segunda-feira ultima esteve reunida em sessão ordinaria, a Congregação do N. S. do Bom Conselho,

Suspendeu temporariamente sua publicação o n.º 100 collega “O E'cho”, da capital.

Consta-nos, que no dia 15 de Novembro proximo virá á luz da publicidade, nesta capital, uma revista litteraria.

UMA ENTREVISTA

E'ra n'uma destas tardes londrinas. Iamos, em demanda da casa do nosso amigo J... que se achava affectado de "cachumba, com o fim de lhe visitar e entrevistar.

Lá chegando fomos recebidos á porta pelo amigo que parecia já estar convalescente ou restabelecido.

Sentámo-nos e um nosso reporter começou a entrevista-o:

Reporter:—Então o que acha V. Exa. da «cachumba»?...

J.—A cachumba no amigo é uma das mais aburrida e marvada melestas.

R.—E que ruínas suppõe que a cachumba póde causar?...

J:....—A cachumba é uma infremidade tão terríve que dilacéra o bóte e anirquila o curação.

R:—Acha que este mal póde ser exterminado?...

J:—Simsinhô; eu acho que era mió se o governo mandasse incendiá a cidade prá afugentá esta marvada molestia. Isso é uma encrenca des-grança.

R:—Que medicamento tem o amigo empregado contra tal molestia?...

J:....—Eu tenho aplicado, óio hundú e pó de anico, mas dá uma cumichão insupportave.

R:—Mas, pelo menos já se acha quasi restabelecido, não?..

J:....—Quá nada! cada vez tá pió, tá inxade como o diabo!..

J:—Não, amigo é supposição sua; no pescoso ou no rosto nada de enchúme tem?!

J:....—Ora vós-necê! antão pensa que a cachumba só dá na guélla?...

Dá tombem no estambo e nas perna!..

R:—Nas pernas? No estomago? Nunca vi! E um pheomeno

J:....—Quá Philomena nada eu não sou o Dúdú!..

R:—Digo pheomeno e não Philomena; mas a questão é que nunca vi cachumba nas pernas?

J:....—Orá vome; nunca os-viu dizê que tombem dá na bariga?

R:—... para mim.

J:....—E' prá vome vê a cachumba é uma doença marvada, acumungada.

E ella em mió deu no pé.

R:—Cachumba nos pés nunca vi, mostre-me?...

J:....—Pois óie o mô pé esquerdo...

R:—Qual isto não é cachumba! Isto é um bicho do pé! Ora você amigo J...! Bem diziam que não lavavas os pés ha mais de seis mezes.

Despedimo-nos satisfeitos e nos retiramos com a mais grata recordação de cafésinho com formigas que filamos na caza do bom amigo J...

E'chos & Factos

Então o "Ipiranga," publicou no 5.º numero uina «Pagina dos Poetas»; promettendo continuar a publical-a e no 6.º numero se esqueceram da promessa. E' que elles fallaram tanto em «urucubaca» que agora estão affectados... della!...

On-le estão as cartas?... Que cartas?!.. Aquellas que o «Ipiranga» ia publicar conforme prometteu. Mas ainda estou na mesma, o que queres dizer? Me refiro ás Cartas Abertas d'aqui para Laguna e da Laguna para aqui!.. Ah! agora sim comprehendo-te; ficou sem effeito devido a falta de... papel que ha actualmente!..

Ora! pois eu comprei o "Ipiranga," sómente para lèr as cartas! Estou damnado, não tem nada predo-lhe fogo!..

Quem será este M. de Valorse? Ora não sabes?... E' tão facil é aquelle que usa oculos, falla muito, cobra assignaturas do «Ipiranga», é thesoureiro do dito, é amigo do Nestor, é quarta'nista, é sacristão... Ah já ser um muito parecido com o Mario Silva. Justamente!.. Até que emfim advinhei!..

Agora outra difficil de resolver quem sera, o chronista ecollaborador do «Ipiranga», «O mieron»,... E' praco como um gafanhoto, moreno como um garo praco, alto como o Placido, é intimo, divisão grande quartanista, amanteco do capilé.

Conheces?... Sim, é parecido com o Placido Oliveira! E' elle mesmo, é o bicho!..

—:O:—

Tivemos o prazer de visitar a sede do "Centro Litterario Luiz Dellino," recentemente fundado, nesta capital.

Telegrammas

Palhoça, 14

Teve aqui muita procura o ultimo numero do "Ipiranga" pelo artigo "Ris-cando".

—:O:—

Camburiú, 16

Precisa-se aqui d'um jornalista que falle muito e escreva bobagens.

—:O:—

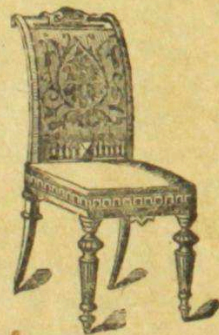
Ilha das Vinhas, 21

O Nenen disse que tem v o n t a d e de enfor-car-se quando lê os telegrammas do "Collegial".

—:O:—

Passa Vinte, 22

Dizem que na "Redacção" onde se imprimiu o "Ipiranga" existem muitos exemplares deste atirados ao canto d'uma meza sem haver quem os vá conduzir d'alli para um logar qualquer. São provas cabaes que attestam o valor da mercadoria!



Tijucas, 8

Está vaga uma cadeira de Reporter do «Collegial», pois «A Fuga» o conduziu a estas paragens.

(Correspondente).

Do reporter da «Fuga»

Está vaga uma cadeira...

... se o Paulo cá vier
Pois reportagens fazer,
As r... os metros de "Ris-cando",
Muit... e nóite lá de coser!..
Dia